

# Revista Gepesvida

## Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 12. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



### RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A IMPORTÂNCIA DA PRECEPTORA NO PROCESSO DE APRENDIZADO DOS RESIDENTES

Izadora Domingues<sup>1</sup>  
Patrícia Coelho de Macedo<sup>2</sup>  
Renata Nunes<sup>3</sup>

#### RESUMO

O presente artigo tem como intuito analisar por meio de pesquisa, vivências e fundamentação teórica a importância da preceptora no processo de aprendizagem dos residentes do Programa Residência Pedagógica em busca de perceber a relevância da preceptora diante do programa. O artigo traz as vivências em sala de aula, proporcionadas pelo programa Residência pedagógica, e as importantes reflexões e contribuições da preceptora para a formação da nossa identidade pedagógica. Os relatos apresentados são parte das vivências e mostram o que foi possível perceber durante esse processo. Reitera-se, assim, que o PRP, tanto na escola como no USJ exigiu acompanhamento, supervisão dos estudos e das reflexões de trabalho docente, que ultrapassaram a equivocada acepção de trabalho docente restrita ao ato de dar aulas. E, consideramos pertinente a perspectiva de Tardif (2002) quando aponta que os saberes docentes adquiridos na formação continuada e incorporados à prática dos profissionais “se transformam em saberes destinados à formação científica ou erudita dos professores [à medida que se transforma] em prática científica, em tecnologia da aprendizagem” (TARDIF, 2011, p. 37). Então consideramos que a Residência Pedagógica como um processo de formação em tempo real na concretude da educação básica, se configura como um grande desafio a ser materializado, na atualidade, na prática dos educadores, dos gestores e dos legisladores brasileiros a fim de regulamentarem-na como obrigatória.

**Palavras chave:** formação. Preceptora. Residência Pedagógica.

<sup>1</sup> Residente e acadêmica do curso de Pedagogia do USJ - 8ª fase

<sup>2</sup> Residente e acadêmica do curso de Pedagogia do USJ - 8ª fase

<sup>3</sup> Residente e acadêmica do curso de Pedagogia do USJ - 8ª fase

# Revista Gepesvida

## ABSTRACT

This article aims to analyze through research, experiences and theoretical foundation the importance of the teacher in the learning process of residents of the Pedagogical Residency Program in order to understand the relevance of the teacher in the program. The article brings the experiences in the classroom, provided by the Pedagogical Residency program, and the important reflections and contributions of the preceptor for the formation of our pedagogical identity. The reports presented are part of the experiences and show what was possible to perceive during this process. Thus, it is reiterated that the PRP, both at school and at USJ, required follow-up, supervision of studies and reflections on teaching work, which went beyond the mistaken meaning of teaching work restricted to the act of teaching. And, we consider the perspective of Tardif (2002) to be pertinent when he points out that teaching knowledge acquired in continuing education and incorporated into the practice of professionals “becomes knowledge for the scientific or erudite formation of teachers [as it becomes] scientific practice. in learning technology ”(TARDIF, 2011, p. 37). Therefore we consider that the Pedagogical Residence as a process of formation in real time in the concreteness of basic education, is configured as a great challenge to be materialized, at present, in the practice of Brazilian educators, managers and legislators in order to regulate it. as required.

**Keywords:** Formation. Preceptor. Pedagogical Residence.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar o relato de experiência das residentes do curso de pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José (USJ) que destacam a importância da preceptora no contexto do Programa Residência Pedagógica (PRP), como sua interação e dedicação contribuem para o processo de aprendizagem dos residentes.

Neste caso, a presença das residentes no Colégio Municipal Maria Luiza de Melo mobilizou ações educativas de planejamento por meio de atividades realizadas de modo coletivo, com o acompanhamento da Professora Preceptora, proporcionando as interações entre conteúdos educativos das residentes e das crianças o que tornou as ações pedagógicas mais significativas. Sendo assim, as reflexões contidas aqui dizem respeito as ações pedagógicas realizadas nesse contexto escolar na perspectiva de futuras profissionais da educação. Para Pimenta e Lima (2006), a prática educativa (institucional) é um traço cultural que compartilha as relações que acontece nos âmbitos da sociedade e de suas instituições. E, nesse caso, o estágio na formação dos professores compete à possibilidade de futuros professores se apropriarem da compreensão da teoria e da prática

# Revista Gepesvida

numa realidade de complexidade institucionalizada. Quer dizer, no exercício da prática docente. Concordamos com Freire (1996, p. 90) quando afirma que:

É interessante observar que minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. Para isso, como aluno hoje que sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje devo ter como objeto de minha curiosidade as experiências que venho tendo com professores vários e as minhas próprias, se as tenho, com meus alunos.

Nesse sentido, a prática docente pode ser considerada como meio de intervir na realidade educacional legítima. Ela permite mobilizar o espírito da pesquisa e desenvolver a compreensão das situações vivenciadas e observadas no campo escolar dando sendo a teoria aprendida no USJ. A visão do PRP e seu entorno é muito ampla e permite a apropriação de conhecimentos mais diversificados que ajudam no aperfeiçoamento profissional da técnica e da função da docência.

Nessa conjuntura, iniciamos o PRP com uma determinada preceptora, nos acostumamos com seus métodos e com a maneira que vínhamos atuando nas docências, porém fomos retiradas da zona de conforto ao sermos surpreendidas com a troca da preceptora. Nossas estruturas foram abaladas pela expectativa do que teríamos pela frente. Novas observações, novos métodos, outras crianças, nova turma, isso nos deixou apreensivas, pois já havíamos compreendido a importância da preceptora para o processo.

Como percebemos os professores são significativos para a aprendizagem da nossa prática pedagógica, deixando-nos marcas perante as experiências que temos com eles. No primeiro momento o sentimento de preocupação e ansiedade foram nos preenchendo. Quem seria a nova preceptora? Como seria sua prática pedagógica? Muitas dúvidas e incertezas foram aparecendo.

Chegou o dia de conhecermos a nossa nova companheira de trabalho e ao sair da reunião ficamos aliviadas por perceber seu comprometimento. Sua fala nos passou segurança e foi naquela conjuntura que percebemos o quanto poderíamos aprender com essa nova oportunidade. Percebemos, nesse momento, o quanto iríamos crescer com as reflexões pretendidas.

A concepção de professor reflexivo tornou-se foco no cenário do PRP, que proporcionou às residentes o movimento teórico de compreensão do trabalho docente

# Revista Gepesvida

compartilhado entre todos os residentes. Essa ação permitiu a valorização da formação profissional, de forma reflexiva e coletiva como possibilidade de responder às novas situações e cultivar novas competências profissionais.

Já havíamos nos situado com a escola a partir do Projeto Político Pedagógico – PPP que após a leitura do documento, percebemos que o PPP desempenha um papel central na definição das atividades proposta para o funcionamento no ambiente escolar. Sabemos que toda instituição possui formas organização da ação docente que permite de melhor forma a organização no processo de ensino e aprendizagem. E, nesse momento estamos mergulado nessa organização.

O Projeto Político-Pedagógico tem a ver com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis: como organização da escola como um todo e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto político-pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalização (VEIGA, 2002, p. 2).

O que fica evidente no PPP e nas ações diárias observadas com a preceptora foi o comprometimento e dedicação com os residentes foi visível desde o início, ouvindo nossas ansiedades e auxiliando-nos em todos os momentos, porém o que mais nos chamou a reflexão foi a prioridade dada pela preceptora aos alunos para que alcancem todos os objetivos propostos para o ano letivo de 2019, a fim de que o processo de ensino aprendizagem tenha sucesso.

Quando a preceptora se envolve totalmente no processo, residentes e alunos são favorecidos e conseqüentemente isso refletirá nos resultados positivos que serão obtidos na sua vida estudantil e profissional. A Residência Pedagógica possibilita-nos uma aproximação maior da teoria e prática, ampliando o tempo de contato dos residentes com as experiências do dia a dia de uma instituição escolar. É no cotidiano entre intervenção e observação, que buscamos nos detalhes o aperfeiçoamento no campo pedagógico.

Partindo da relevância da preceptora no PRP, buscaremos ao longo do artigo trazer situações de sala e seu embasamento teórico e ainda quais as vantagens em desenvolver essas metodologias.

## **2 METODOLOGIA**

O PRP tem-nos proporcionado uma imersão no processo pedagógico e é por meio de uma pesquisa participativa que buscamos respaldo para refletirmos a respeito do tema proposto, comparando os olhares que estabelecemos sobre a preceptora com conceitos, teorias e práticas reconhecidas cientificamente. Marconi e Lakatos (2003) veem a pesquisa participante como uma pesquisa empírica na qual possibilita um aumento de familiaridade do pesquisador com um determinado fato ou fenômeno.

A nossa pesquisa se caracteriza pela interação entre nós pesquisadoras e a pessoa envolvida diretamente nesse processo nesse caso a preceptora, possibilitando um diálogo técnico, auxiliando no desenvolvimento da nossa percepção e prática.

A etapa da residência em que estamos se constitui de observações participativas e docências em sala de aula, nas quais colaboramos com o processo pedagógico juntamente com a preceptora, auxiliando nas atividades propostas para o dia; planejamentos, temos realizados reuniões com o grupo da residência e com a preceptora a fim de organizar o calendário e os conteúdos a serem ministrados pelos trios ou duplas.

Esse planejamento tem sido construído simultaneamente com o uso de uma ferramenta tecnológica e sob a supervisão da preceptora; e extra sala de aula as formações, cursos, palestras, proporcionadas pela equipe de coordenação e orientação do PRP, trazendo assuntos de relevância para a nossa atuação docente; regências, proporcionando a práxis; e avaliações das nossas ações com o intuito de adaptar a nossa prática. O PRP nos proporciona ainda participar de outras atividades relacionadas a docência, como conselhos de classe e reuniões pedagógicas.

## **3 O PAPEL E A IMPORTÂNCIA DA PRECEPTORA**

O PRP acontece no colégio Municipal Maria Luiza de Melo, este encontra-se no município de São José, no estado de Santa Catarina. Segundo o censo escolar (2018) possui em média 2204 alunos matriculados divididos em ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos e educação especial. Nosso campo de estudo contempla o 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

# Revista Gepesvida

A nossa turma é composta por 26 alunos, dentre eles três são imigrantes sendo um da América do Sul e dois da América Central, e apesar da dificuldade com a língua eles são bem integrados na turma. A faixa etária dos alunos encontra-se entre sete e oito anos. Os alunos em geral mostram-se carinhosos e receptivos com as residentes.

Às crianças são atentas a nossa postura em sala, mostrando-se questionadores e críticos do processo. A preceptora sempre nos alerta quanto ao comprometimento que devemos ter em relação a eles. Corroborando com essa ideia Freire (1996, p.97) salienta a importância do “saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira que me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento da minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho”. Nessa direção concordamos que:

Não restam dúvidas de que o/a professor/a iniciante para ousar enfrentar as tensões e contradições que atravessam a ensinagem e para evitar ficar à margem de si mesmos, como afirma Fernando Pessoa, precisam contar com a possibilidade de serem acompanhados, orientados e avaliados por uma equipe de professores mais experientes, de modo sistemático, por um certo tempo, considerando o espaço escolar como campo de formação e desenvolvimento profissional. (SOUZA, 2016, p. 23)

Desse modo, o papel da preceptora é fundamental, é ela quem fornece o suporte para as residentes, como cita Poladian (2014, p. 5) sua função é “[...] acompanhar um grupo reduzido de alunos em suas práticas, de modo sistemático e organizado”. Imbernón (2010, p. 37) sustenta epistemologicamente a lógica argumentativa supracitada, quando discute que formação é um processo que aparentemente começa na prática, mas na verdade começa “da práxis já que a experiência prática possui uma teoria, implícita ou explícita, que a fundamenta”.

Assim, a partir desse entendimento, a preceptora além de ser carinhosa e atenciosa com os alunos, apresenta muito conhecimento perante sua prática. Essa postura nos remete a ideia de que a práxis nas instituições educacionais e o trabalho docente da preceptora, em uma sociedade que se quer democrática, justa, igualitária e emancipadora, se configurou como mediadora entre a prática social global (cultura externa à educação básica e educação superior) e a prática educativa (cultura interna à organização escolar). Percebemos, então, por meio das nossas observações e reflexões que mesmo após 31 anos de docência a preceptora se mostra sensível, interessada e adepta a mudanças caracterizando um conceito de “Educação ao longo da vida” que segundo Gadotti (2019, p.20-21)

# Revista Gepesvida

[...] para que continuemos aprendendo é indispensável inovar, constantemente, os próprios processos de aprendizagem, o que implica uma revisão desses processos. Aprender é uma atividade social, que exige conectividade, conexão, interação. Está em constante mudança. Aprender não é repetir o que aprendemos mas construir conhecimento.

Percebemos que não há em sua prática a resistência à novas concepções e metodologias pedagógicas, pois prontamente conseguiu conectar sua prática a BNCC interagindo com os residentes que já estavam adeptos a esse processo. Além da BNCC sua prática é pautada na Proposta Curricular do Município de São José e na teoria sócio interacionista de Vygotsky que fundamenta o PPP da instituição. Desse modo, não temos dúvidas de que do cerne da práxis apresentada pela preceptora emerge uma força que altera as circunstâncias limitadoras da educação se torna prioridade entre as políticas sociais, a formação continuada de professores rumo a superação as dívidas históricas no Brasil em relação ao desenvolvimento profissional dos professores e às condições de trabalho pouco dignificantes que impelem esses profissionais ao mal-estar docente, ao absenteísmo e, por fim, ao abandono da profissão-professor. E, assim, essa experiência nos revelou como um alento as dúvidas que tínhamos na profissão.

Mergulhadas no ímpeto de superação, toda nossa atividade docente foi realizada em conjunto com a preceptora, o seu papel é de extrema relevância para “[...] que a prática seja ponto de partida para questionamentos, problematizações, teorizações e investigações [...]”. (POLADIAN, 2014, p.5). Por meio de encontros e ferramentas virtuais conseguimos construir planejamentos que estejam de acordo com os conteúdos programáticos e fundamentados na BNCC (BRASIL, 2017). A preceptora fez a mediação de todo processo utilizando-se de análise e indicações.

O plano de aula é aprovado somente após sua criteriosa revisão, o que é fundamental para o nosso processo de aprendizagem. Esse desafio constitui-se numa trajetória de formação docente de sucesso, o que coincide com a travessia de Fernando Pessoa, que se traduz por um movimento próprio que traça fortes contornos de uma identidade profissional da preceptora e das residentes. Trata-se de uma experiência, configurada por uma identidade coletiva que se constituiu num movimento respaldado por Graubmann (1983) quando afirma que identidades profissionais são mediadas pela relação entre a identidade que o profissional tem de si (preceptora) e da socialização de



# Revista Gepesvida

sua prática (residentes), que possibilita desvelar na teia das relações sociais, a identidade que outrem tem do profissional-professor.

Assim, o trabalho em sala tem como objetivo principal a alfabetização e o letramento, e as demais disciplinas são contextualizadas de forma interdisciplinar. Segundo a BNCC (2017) no que se refere à etapa do ensino fundamental o foco do 1º e 2º ano deve ser a alfabetização, é na prática que conseguimos perceber o quão importante é essa ênfase, pois quando a criança ainda não se apropriou plenamente do processo de leitura e escrita, dificilmente ela terá condições de interpretar e se inteirar dos conteúdos programáticos que se sucederão.

Percebemos, pelas ações da preceptora que a travessia a ser trilhada no processo de alfabetização das crianças era ousada, mas ao mesmo tempo se configurava com uma conquista para todas nós. Assim, a prática docente foi concebida como um processo, um *continuum* de transformações que foram ocorrendo na direção das necessidades das crianças e da preceptora que garantiram o exercício da docência com qualidade e significado. Isso exigiu estudo e encontros de formação e planejamento das ações docentes coletivas.

Essa postura coletiva de planejamento esbarra na metáfora “cada mestre com seu livrinho” é utilizada por Garcia (2010, p. 5) para anunciar a solidão com a qual os docentes enfrentam no processo de alfabetização das crianças em sala de aula. Contraditoriamente, na era da revolução tecnológica e da sociedade do conhecimento, da comunicação instantânea fica insustentável que somente as crianças sejam testemunhas das ações docentes.

Com a formação continuada das preceptoras e o acompanhamento dos residentes na escola configura uma política educacional que revela a qualidade das ações docentes professores mais experientes e dessa experiência pode emergir um embrião de obrigatoriedade da implementação da residência pedagógica no curso de pedagogia do USJ.

Nessas práticas vivenciadas até o momento pudemos perceber a preocupação da preceptora em relação às competências gerais da BNCC (BRASIL, 2017) no que se refere a formação integral das crianças para que possam:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade,



# Revista Gepesvida

continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p. 9)

Deste modo, fica claro a mediação realizada pela preceptora diante dos conflitos existentes em sala recorrente das relações sociais, visando o respeito entre pares, pois é na escola durante o cotidiano das crianças que o professor deve estar atento, envolvendo-se em todo o processo.

Consideramos fundamental o PRP para configura a exigência que consta no Plano Nacional de Educação consta uma Estratégia para operacionalização da Meta 18, que prevê acompanhamento dos profissionais iniciantes e formação continuada desses professores que estarão em estágio probatório, como se confirma: Estratégia 18.2:

Implantar, nas redes públicas de educação básica e superior, acompanhamento dos profissionais iniciantes, supervisionados por equipe de profissionais experientes, a fim de fundamentar, com base em avaliação documentada, a decisão pela efetivação após o estágio probatório e oferecer, durante este período, curso de aprofundamento de estudos na área de atuação do professor, com destaque para os conteúdos a serem ensinados e as metodologias de ensino de cada disciplina (BRASIL, 2014<sup>3</sup>).

E, assim consideramos que dessa experiência explicitada até aqui, defendemos que o PRP deve ser realizado sob os princípios, os processos e os procedimentos de formação continuada no contexto da educação básica. É fundamental elucidar mais uma vez que residência pedagógica tem que ser levada a efeito imediatamente após o ingresso do pedagogo no curso.

## 4 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES

Durante as observações é compreensível que o papel da preceptora é fundamental para nosso processo de aprendizagem. É, por meio da prática observada que nos espelhamos e conseguimos perceber os erros e acertos na nossa ação. A ação docente se pautou na pesquisa colaborativa que exigiu das residentes diálogo constante entre o conhecimento científico da área discutidos no curso de pedagogia do USJ e os saberes pertinentes ao campo empírico da ação da preceptora, reinventando-os cotidianamente, visto que o docente deve reencantar a educação na sociedade contemporânea que se configura como uma sociedade “aprendente”, mas que paradoxalmente, necessita ser

# Revista Gepesvida

movida pela “sensibilidade solidária” (ASSMANN, 2003, p. 21), nas tramas impostas pelo avanço tecnológico e pela globalização.

Desse modo, tínhamos atenção total no processo de observação participante que foi é imprescindível para nossa aprendizagem, já que alguns detalhes da ação da preceptora poderiam passar despercebidos por nós residentes, mas que são essenciais para o processo de alfabetização das crianças, como por exemplo orientar o discente quanto ao uso do caderno, exemplificando se precisam pular a linha do caderno ou em caso de terem espaço podem dar continuidade na escrita mesmo que a professora precise pular para o outro lado do quadro.

Enquanto residentes e futuros professores iniciantes, na esteira das proposituras de Tardif (2011), não podemos somente ser o reprodutor de conhecimento adquirido durante o curso de pedagogia do USJ. As pesquisadoras Fernandes et al. (2011, p. 112-113) comungam dessa perspectiva apontada por Tardif (2011) e relatam que as preceptoras:

[...] fazem parte do processo de formação continuada de acompanhamento de egressos, a residência pedagógica, tem como objetivo construir pontes entre a universidade e a escola básica, no intuito de auxiliar os professores, através do contato com o outro, da troca de experiências e das narrativas, a refletirem sobre sua prática e a desenvolverem o papel de professores/pesquisadores e de produtores de conhecimento.

Com efeito, a reinvenção elencada por Assmann (2003) nos direciona a construção de novos conhecimentos docentes que sirvam de âncora para o desenvolvimento profissional do professor iniciante, especialmente quando ingressam em turmas que necessitam do processo de alfabetização. Na fase de alfabetização é preciso fazer uso de várias técnicas para a compreensão dos alunos perante esse processo, como cita Soares (2003, p.1)

Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. Essa é, então, uma porta de entrada indispensável.

É observando e seguindo as orientações da preceptora que é possível obter um olhar mais atento sobre a prática pedagógica. Geralmente, quando não se tem uma experiência crítica e reflexiva diante da ação pedagógica, é provável que seja reproduzido a maneira na qual fomos alfabetizadas, podendo desse modo gerar problemas na

# Revista Gepesvida

alfabetização de nossos alunos, já que pouco nos lembramos desse processo. Seguindo esse raciocínio salientamos a importância do PRP que nos proporciona um contato profundo com a preceptora que trará uma contribuição para na nossa formação, já que o tempo de estágio obrigatório se torna limitado para os detalhes que devem ser considerados.

Nesse sentido, o PRP nos proporcionou um processo de iniciação à docência em que a preceptora mostrou que constrói seus saberes no ofício da docência (TARDIF; LESSARD, 2008). Nesta trajetória, ela se dedica a compreender a proposta de alfabetização inserida no PPP e se pauta no diálogo com o coletivo dos protagonistas do ato pedagógico (residentes, orientadores, gestores) para estar atenta aos acontecimentos da sala de aula e do contexto escolar, engajando-se aos demais docentes. Por isso participamos também das decisões do coletivo da escola por meio de reuniões de professores, conselhos de classe e reunião de pais, o que nos proporcionou a participação de reflexões coletivas acerca de questões educacionais, científicas, curriculares, de gestão do cotidiano do trabalho docente.

Observamos a forma como a preceptora atua em cada contexto participativo elencado e da forma com que age com as crianças demonstrando seu afeto e carinho por todos. A busca por fazer diferente mesmo na escolarização daqueles que já vieram cheio de rótulos. E, desse modo, concordamos com Freire (2013, p.99-100) quando afirma que:

As educadoras precisam saber o que se passa no mundo das crianças com quem trabalham. O universo de seus sonhos, a linguagem com que se defendem, mansamente, da agressividade de seu mundo. O que sabem e como sabem independentemente da escola.

Cabe a educadora ter um olhar sensível, informar-se a respeito do contexto em cada criança está inserida, não permitir que continuem rotulando crianças que já sofrem com o peso da exclusão, essas atitudes nos são muito claras em relação a nossa preceptora e é por meio delas que observamos mudanças positivas em diversas crianças.

Todas as manhãs antes mesmo de iniciar a aula propriamente dita a preceptora tem o cuidado de trazer uma história para o deleite das crianças, dessa maneira começa o dia letivo mais leve e com novas possibilidades de aprendizagem, trabalhando a escuta atenta pois é ouvindo que os alunos descobrem o prazer de ler, oportunizando a fala e

# Revista Gepesvida

levando a criança a viajar por lugares e situações inusitadas, pois como diz Alves (2004, s.p.) “quem gosta de ler tem nas mãos as chaves do mundo”.

Juntamente com a preceptora observamos o quanto a rotina em sala de aula é importante, porém o que não devemos permitir são às ações rotineiras. Até mesmo o momento da chamada é utilizado pela preceptora de maneira lúdica, pois a mesma realiza diversos jogos durante a chamada, num dia os alunos são desafiados a responder no lugar de presente, um meio de transporte, em outro dia no lugar de presente, uma fruta ou um animal, isso leva às crianças a ficarem atentas e a estarem a todo momento criando possibilidades. Por isso, “mesmo quando às rotinas institucionais são absolutizadas, fechadas e alienadoras, é importante ressaltar que os usuários criam suas próprias operacionalizações de apropriação, suas “maneiras de praticar” [...]” (BARBOSA, 2006, p.40).

Diante das observações por nós vivenciadas em relação ao exercício da docência praticado pela preceptora fica visível a preocupação de manter a criança como protagonista do processo de aprendizagem. E, nesse sentido, não restam dúvidas de que as residentes ousaram a enfrentar as tensões e contradições que atravessam o processo de aprendizagem e ensinagem das crianças que estão no processo de alfabetização e para evitarem ficar à margem de si mesmos, como afirma Fernando Pessoa, precisaram contar com a possibilidade de serem acompanhados, orientados e avaliados pela preceptora e orientadora do PRP, de modo sistemático, por um certo tempo, considerando o espaço escolar como campo de formação e desenvolvimento profissional significativo e desafiador.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou as experiências proporcionadas pelo PRP, tendo como foco a preceptora e a relevância do seu trabalho para o aprendizado dos residentes. Compreendemos e concordamos com Freire (2013, p.161) que “a educadora não é um ser diferente, invulnerável. É tão gente quanto o educando, tão sentimento e tão emoção quanto o educando”.

A prática nos mostra e nos permite aprender além dos conteúdos e metodologias para aplicá-los, a realidade de estar em sala, como às rotinas podem ser melhor

# Revista Gepesvida

direcionadas a fim de não se tornarem rotineiras, como podemos proporcionar momentos de criação, de expressar os sentimentos e principalmente momentos nos quais o afeto fará toda a diferença para a aprendizagem da criança. Valorizar e reconhecer uma boa prática docente é vislumbrar para a educação mudanças significativas, pois é por meio desses exemplos que nossa identidade docente também se constituirá.

Do processo de formação vivenciado pelo PRP elencamos o diálogo e as reflexões individuais e coletivas como saberes e fazeres do cotidiano da escola e das condições de trabalho que nos impulsionaram pela escolha da profissão de forma mais concreta e, dessa forma, novas práticas docentes que buscaram dar sentido para o ser e o fazer docente e para a valorização da profissão-professor.

Reitera-se, assim, que o PRP, tanto na escola como no USJ exigiu acompanhamento, supervisão dos estudos e das reflexões de trabalho docente, que ultrapassaram a equivocada acepção de trabalho docente restrita ao ato de dar aulas. E, consideramos pertinente a perspectiva de Tardif (2002) quando aponta que os saberes docentes adquiridos na formação continuada e incorporados à prática dos profissionais “se transformam em saberes destinados à formação científica ou erudita dos professores [à medida que se transforma] em prática científica, em tecnologia da aprendizagem” (TARDIF, 2011, p. 37). Então consideramos que a Residência Pedagógica como um processo de formação em tempo real na concretude da educação básica, se configura como um grande desafio a ser materializado, na atualidade, na prática dos educadores, dos gestores e dos legisladores brasileiros a fim de regulamentarem-na como obrigatória.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou Asas** – A arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Porto, Edições Asa, 2004.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira: **Por amor e por força**: Rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Projeto de Lei nº. 7.552**, de 2014. 2014b. Disponível em: . Acesso em: 28 ago. 2019.

# Revista Gepesvida

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação** –PNE e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014a. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

FERNANDES, G. B. L. et al. **Residência pedagógica**: universidade, escola e egressos de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores/UERJ. In: FONTOURA, H. A. (Org.). *Residência pedagógica: percursos de formação e experiências docentes na Faculdade de Formação de Professores da UERJ*. Niterói: Intertexto, 2011. p. 107-118.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 24<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

GRAUBMANN, C. F. **Les identités multiples**. *Revue Internationale des Sciences Sociales*, Paris, v. 35, n. 2, p. 309-321, 1983.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCELO GARCIA, C. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência**. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, São Paulo, v. 2, n. 3, ago./dez. 2010. Disponível em: .Acesso em: 13 ago. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/219455-cm-maria-luiza-de-melo/censo-escolar> Acesso em: 25 maio de 2019

PESSOA, F. **Frases e pensamentos de Fernando Pessoa**. Disponível em: . Acesso em: 20 set. 2014.

VEIGA NETO, ALFREDO. **De Geometrias, Currículo e Diferenças** IN: *Educação e Sociedade*, Dossiê Diferenças-2002.

POLADIAN, M.L.P. **Estudo sobre o Programa de residência Pedagógica da UNIFESP**: uma aproximação entre Universidades e escola de formação de professores. Dissertação (mestardo em Psicologia da Educação). São Paulo – SP; PUCSP, 2014.

# Revista Gepesvida

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas\***, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.

SOUZA, Flávia Dias de (org.). **Professores principiantes e a inserção à docência : contextos, programas e práticas formativas**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016. 197 p.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TARDIF, M.; LESSARD, C. (Org.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VEIGA NETO, ALFREDO. **De Geometrias, Currículo e Diferenças** IN: Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças-2002.

*Data da submissão: 17-08-2019*

*Data da aceitação: 16-12-2019*